

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Jane Barros Almeida

E-mail:

janebarrosunifesp@gmail.com

Instituição: Assessoria Legislativa
Câmara Federal, Brasil

Submetido: 11/06/2020

Aprovado: 04/10/2020

Publicado: 02/08/2021

 10.20396/rho.v21i00.8660021

e-Location: e021037

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

ALMEIDA, J. B. Assad Haider: descortinando a sofisticada e cruel relação entre opressão e exploração no debate racial. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660021.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660021>. Acesso em: 02 ago. 2021.

HAIDER, A. **Armadilhas de identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019. 160 p. (Coleção Baderna).

ASSAD HAIDER: DESCORTINANDO A SOFISTICADA E CRUEL RELAÇÃO ENTRE OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO NO DEBATE RACIAL



Jane Barros Almeida*

Assessoria Legislativa Câmara Federal

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



O Livro de Asad Haider, *Armadilhas de identidade: Raça e Classe nos dias de hoje*, aparece como um oásis em meio a um turbilhão de ações e debates sobre o tema. Atualmente ações coletivas e novas formas de luta social têm sido manejadas em torno do debate de Identidade, provocando muitas vezes análises dicotômicas entre as lutas universais emancipatórias, ditas tradicionais, versus as lutas de grupos oprimidos, identitários, da cultura e, portanto, novas. Haider apresenta uma leitura dialética e histórica acerca das Identidades.

O argumento central da obra sustenta-se na tese de que necessitamos urgentemente de uma “universalidade insurgente”, diante da necessidade de superar as condições atuais de opressão e exploração sob as quais a ampla maioria dos sujeitos está submetida, sem armadilhas ou refúgios nas identidades. O texto abarca reflexões sobre a necessidade um programa, estratégia e tática para o tempo presente. O livro retoma a ideia de projeto societário, sem timidez ou constrangimento, conectando a emancipação humana às especificidades de luta de setores que estruturam a classe dos que vivem do próprio trabalho.

Ao longo dos capítulos é evidente o esforço metodológico de exercitar as conexões entre o universal e o particular. O resgate histórico referenciado teórica e politicamente, possibilita um aprofundamento do debate sobre Identidades relacionando-o com os conceitos de Raça e Classe Social. A partir de exemplos históricos concretos, do passado, ao presente – incluindo recentes eventos na universidade – retoma o debate das contradições e da objetividade das lutas sociais em curso.

A forma complexa e rigorosa proposta por Haider para desenvolver o tema, foi sensivelmente captada por Silvio Almeida, ao escrever o prefácio. Almeida constatou que a questão da raça, da identidade moderna, atravessa a nossa história como indivíduos e sujeitos coletivos, não permitindo a resignificação desta subjetividade ou a recusa, já que mesmo contra nossa vontade ela nos atravessa. Neste sentido, a “[...] armadilha identitária está no seu duplo funcionamento, que serve tanto à direita quanto à ‘esquerda antirrevolucionária’.” (ALMEIDA, 2019, p. 13), este é o centro das preocupações desta bela e inovadora obra – sair desta armadilha, emaranhada, e captar o devir.

CONTEXTO

Na segunda metade do século XX, o debate da identidade assume papel protagônico em boa parte das ciências humanas, impulsionado por processos de lutas sociais em curso no mundo ocidental a partir dos movimentos de contracultura, mas também pelas lutas por direitos civis nos EUA e libertações de países coloniais no continente Africano. Tudo isso foi cenário para o surgimento, no campo da sociologia, de teorias sobre os “novos movimentos sociais”.

As leituras referenciadas nesta caracterização conceitual reforçavam a dimensão dinâmica, nova e viva dos elementos de identidade, assim como destacam mudanças na

configuração e construção destes movimentos sociais. Estes novos fenômenos superariam a centralidade da classe social, incorporando os elementos de identidade e cultura como “motor” do processo.

Outras obras, a partir de referenciais analíticos distintos, já haviam apontado os riscos de uma análise dicotômica entre classe social versus identidade. Entretanto, Asad Haider (2019) é inovador, pois além de propor uma perspectiva dialética de análise sobre a relação raça e classe social, dialoga com tensões cotidianas que interferem na construção coletiva de projetos políticos societários. Haider (2019) revela o quanto o debate teórico sobre categorias e conceitos, não prescindem do cenário de disputas sociais, de ações concretas, complexas e por vezes intensamente contraditórias.

Já no final dos anos noventa, mas de modo mais intenso na segunda década dos anos 2000, agrupamentos políticos do campo da direita vem incorporando o debate de identidade como saída, inclusão e incorporação no sistema. O que Adolph Reed (2015) denomina de “neoliberalismo de esquerda”. Ao mesmo tempo, que ainda se faz presente perspectivas de mundo que objetiva negar o debate identitário, no sentido de reforçar uma centralidade abstrata das classes sociais, para análise e leitura de mundo.

TEMAS CENTRAIS

Logo na introdução, Asad Haider (2019) aponta suas referências e indica o método de investigação sob o qual sustenta suas avaliações e leituras de mundo. Do Manifesto do Partido Comunista à autobiografia de Malcolm X, revela a importância de educar-se com as lutas dos que “antes aqui estiveram”. Ao trazer para a obra o exemplo de Huey Percy Newton, indica a relação entre o “crescimento intelectual” e a “prática política”. Teoria e prática são apresentadas então como partes do mesmo processo, impossíveis de serem dissociadas, e pares condicionais do que Haider (2019) localiza como pré-condição para a emancipação universal. Contudo, não abre mão das análises pós-estruturalistas de Judith Butler, que a partir de uma perspectiva dialética de radicalização histórica, denuncia os riscos do debate moderno, rígido e fixo sobre as identidades.

O autor resgata de maneira primorosa a experiência dos anos de 1970 do Coletivo *Combahee River* (CCR), centralmente a partir de um texto específico do coletivo, *A Black Feminist Statement*, que ao reivindicar a emancipação universal, a partir do socialismo revolucionário identifica o racismo e o sexismo da esquerda como problemas a serem superados. A concepção de feminismo deste coletivo inclui participar de piquetes durante greves da construção civil. O objetivo era superar as limitações constatadas na esquerda ao mesmo tempo em que construir uma “política socialista mais rica”. Entretanto, o que o autor testemunha como um início rico e potente do debate sobre a identidade, como parte de um projeto mais amplo, acabou sendo incorporada na atualidade como instrumento de combate a novas oposições de esquerda que estariam surgindo.

Este texto do Coletivo *Combahee Rive* provoca conclusões e lições, sendo o fio condutor argumentativo do autor, como referência positiva da crítica sobre o debate abstrato das classes sociais - provocando leituras negacionistas do papel leviano da opressão – assim como, aponta os limites de um debate sobre identidades e opressão que não vislumbra a impossibilidade de solucioná-lo no interior de uma sociedade de classes.

A obra historiciza o debate de raça e o localiza como uma construção social intencionalmente edificada para subjugar um “povo”, grupo, ou setor da sociedade, sendo esta uma “[...] das ideologias mais tenazes de todas.” (HAIDER, 2019, p. 69). Dedicando um longo e denso capítulo sobre este tema. A denúncia da não naturalização da ideia de raça denota o quanto o modo de produção social necessita de sujeitos aprioristicamente marginalizados, como *modus operandis*. Esta construção histórica é descoberta nos momentos em que ações coletivas e por vezes massivas, são mobilizadas como respostas e tentativas de desconstrução deste padrão de sociabilidade, alimentando sonhos e esperança de mudança e transformação.

Ao resgatar as experiências do Partido dos Panteras Negras, recupera um debate sobre o nacionalismo revolucionário, associado a necessidade de poder popular. Sem secundarizar as contradições, - embates e diferenças forjadas ao longo do processo, de ápice e declínio desta experiência – reforça a constatação de dois grandes focos desta organização, combater o capitalismo e o racismo, de modo conjunto e não fragmentado, retomando às análises de Malcolm X.

A partir das referências conectadas ao tema do nacionalismo negro, identifica relação com a “ideologia potencialmente revolucionária”, pois quando atrelada às demandas da classe trabalhadora negra, teria provocado uma unidade entre os intelectuais negros e a base popular. Contudo aos poucos, o Estado Capitalista e suas novas instituições, foram incorporando as demandas deste grupo subalterno e construindo espaços da elite negra, o que indicaria a capacidade do sistema em incorporar as demandas nacionalistas, conservando-as, no interior do projeto burguês.

Ao substituir o movimento de massa dos anos sessenta e setenta, por um multiculturalismo disforme, os liberais, segundo Haider (2019), colocaram o movimento negro numa situação de questionar se o multiculturalismo seria ou não um mal necessário. Obama como primeiro presidente negro representou esta situação. Já que ao mesmo tempo em que reivindicava certo legado histórico teria liderado ataque aos movimentos sociais e comunidades marginalizadas. Esta concepção de mundo, então se chocaria com a retomada de movimentos massivos, provocando ações de solidariedade em todo o mundo, a partir do fenômeno contemporâneo do #BlackLivesMatter.

Este novo movimento surge num contexto de lutas antineoliberais e de denúncia do aparelho repressor do Estado, contudo dialoga com outras iniciativas que ao secundarizar o debate emancipatório a anticapitalista, acaba por se referenciar em intelectuais e “[...] tendências separatistas mais reacionárias [...]” (HAIDER, 2019, p. 63), a exemplo do

afropessimismo de Frank Wilderson, que corroborou para a proliferação do conceito de antinegitude.

O afropessimismo alimenta a ruptura entre alianças estabelecidas a partir das “pessoas de cor”, excluindo as demais etnias não negras. Além disso, segundo o autor, seriam teorias que marginalizam teorias sobre o Estado, sua historicidade, assim como a perspectiva de classe social. Esta subestimação teórica acabaria por possibilitar que, segundo Haider “Entre os representantes do movimento Back Lives Matter mais presentes na mídia se encontrava o diretor-executivo do Saint Louis teach América, uma organização que teve papel-chave na privatização da educação e no ataque aos sindicatos de professores.” (HAIDER, 2019, p. 67).

Em um capítulo intitulado “Passing”, expressa uma ideia de “passibilidade” muito discutida entre as pessoas transgêneros - onde determinadas características físicas possibilitariam maiores aproximações dos sinais socialmente identificados com determinados gêneros, levando por fim a uma ideia de aceitação. Neste momento, a partir de um debate da experiência, faz um caminho preciso e cuidadoso, sobre a construção da consciência racial, mesmo entre os setores que se aproximariam de sinais sociais da branquitude. Descreve a passagem do ódio individual à consciência coletiva,

[...] em vez da minha reivindicação individual por segurança e reconhecimento, sou apresentado a um objetivo que está além das minhas possibilidades de alcance. Mas, se estivermos atentos às lutas que estão fora dos limites do Estado, a emancipação universal aparece no horizonte. (HAIDER, 2019, p. 135).

No seu capítulo conclusivo, “A universalidade”, ele retoma um debate sobre os limites da emancipação política e o horizonte da emancipação humana, a partir da Questão Judaica de Marx, indicando o paradoxo do liberalismo ao garantir direitos individuais a sujeitos abstratos, prescindido as condições concretas de desigualdade e opressão. Para Asad Haider (2019) a universalidade iluminista veio à serviço da manutenção das desigualdades entre os diferentes. Neste momento, recupera o feminismo negro do *Combahee*, sua dimensão anticapitalista e o potencial revolucionário, ao constatar pela prática os limites da emancipação política ofertada.

Em síntese, esta obra logra êxito ao resgatar historicamente experiências e passagens que indicam os riscos e armadilhas a serem desarmadas. O debate de identidade incorporado pela direita, ao descolar a opressão do debate de exploração - produtora das desigualdades sociais - produz monstruosidades como bem destacou o discurso de Hilary Clinton contra Bernie Sanders, nas prévias do Partido Democrata nos EUA em 2016. Utilizando-se da linguagem e das teorias da “interseccionalidade” e “*Cleck your privilegie*”, para localizar Sanders, como um candidato incapaz de representar e dar voz às mulheres - já que seus privilégios como homem e branco, impossibilitariam a construção de um projeto político progressista e feminista. Salutar registrar, como bem apontou o autor, que Sanders representava um processo de crítica profunda aos Democratas ao indicar o Socialismo como

caminho, assim como denunciar a conexão do Partido com os interesses do grande capital. Assim, como também localiza a arapuca da esquerda antirrevolucionária, que peca por ignorar a condição concreta de uma classe trabalhadora que também é oprimida, e que, portanto, qualquer projeto popular e emancipatório não irá prescindir da necessidade de superar o sexismo e o racismo, intensamente. Sendo estas, preocupações e apontamentos necessários a todos aqueles e aquelas que, a meu ver, tremem de indignação e revolta, diante de qualquer forma de opressão e exploração.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. Prefacio. *In*: HAIDER, A. **Armadilhas de identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019. 160 p. (Coleção baderna).

HAIDER, A. **Armadilhas de identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019. 160 p. (Coleção Baderna).

REED, A. **From Jenner to Dolezal**: One Trans Good, the Other Not So Much, 2015. Disponível em: <https://www.commondreams.org/views/2015/06/15/jenner-dolezal-one-trans-good-other-not-so-much>. Acesso em: 03 jun. 2020.

AUTORIA:

* Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua na Assessoria Legislativa Câmara Federal. Contato: janebarrosunifesp@gmail.com **
Informações sobre o Autor(a)

COMO CITAR ABNT:

ALMEIDA, J. B. Assad Haider: descortinando a sofisticada e cruel relação entre opressão e exploração no debate racial. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660021>. Acesso em: 02 ago. 2021.